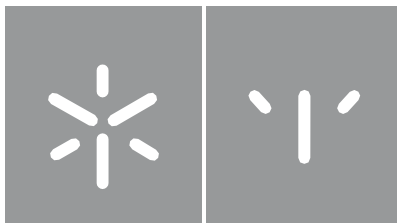




Universidade do Minho  
Escola de Psicologia

Ana Santos Silva

**Educação e Formação Profissional:  
Olhares de Ex-Reclusas**



Universidade do Minho  
Escola de Psicologia

Ana Santos Silva

## **Educação e Formação Profissional: Olhares de Ex-Reclusas**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado Integrado em  
Psicologia

Trabalho efetuado sob a orientação da  
**Professora Doutora Luísa Saavedra**

junho de 2020

## **DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS**

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença [abaixo](#) indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

### **Licença concedida aos utilizadores deste trabalho**



**Atribuição**  
**CC BY**

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

## **Agradecimentos**

Primeiramente, agradeço à Professora Doutora Luísa Saavedra, que tornou possível a realização deste estudo. Obrigada por todos os ensinamentos, que me fizeram ser melhor no meu trabalho; irei levar os seus conhecimentos sempre comigo.

Agradeço à Direção Geral dos Serviços Prisionais (DGRSP), pela oportunidade de poder realizar este projeto e pela disponibilidade e carinho de todos os profissionais que me acolheram.

Agradeço às oito participantes, que partilharam comigo as suas histórias, pois sem elas este estudo não seria possível.

Agradeço à minha família, por todo o apoio desde o início desta aventura que contou uma distância de 350km. Obrigada por estarem sempre prontos a ajudarem e ouvirem tudo o que tenho para dizer, mesmo sem entenderem.

Agradeço aos meus amigos de infância, por me aturarem há mais de 17 anos, por me aceitarem tal como sou, por reclamarem e por me deixarem reclamar sempre que é preciso.

Agradeço às minhas amigas Sherlock Girls, por nestes 5 anos me apoiarem, principalmente nestes últimos dois, onde o trabalho se intensificou. Obrigada pelas gargalhadas e por todas as tardes de trabalho, cheias de animação e concentração.

Agradeço à Tun'ao Minho, por me terem recebido de braços abertos, por todos os momentos vividos e por fazerem parte da minha família. Um brinde a vós e aos momentos que ainda iremos viver.

Agradeço à cidade de Braga, por estes cinco anos de árduo trabalho, que me trouxe pessoas fantásticas que nunca irei esquecer e com as quais cresci. Obrigada por todos os ensinamentos e pelas novas descobertas.

## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho

Alcobaça, 2 de junho 2020

Assinatura:

A signature in blue ink, appearing to read 'Ana Santos Silva', written over a dotted line.

## **Educação e Formação Profissional: Olhares de Ex-Reclusas**

### **Resumo**

A reclusão pode ser vista de uma forma educativa, em que o recluso participa em programas educacionais e/ou profissionais de forma a preparar a sua libertação. Assim, é pertinente conhecer as perspetivas de ex-reclusas de forma a compreender a eficácia e pertinência destes programas, é igualmente importante conhecer as motivações que levaram à participação e que efeitos deixaram na vida das ex-reclusas. O estudo contou com a participação de oito ex-reclusas, acompanhadas pelas equipas da DGRSP. Os dados foram obtidos através de uma Entrevista Semiestruturada, construída com base na literatura e nos objetivos do estudo. Os resultados foram analisados através da Análise Temática, que permitiu identificar quatro temas principais: Motivação para o trabalho e educação; Motivação para a desistência académica; Perceção de mudança pós reclusão; Eficácia dos programas face ao emprego. Os resultados demonstraram que os programas prisionais permitem mudanças positivas na vida da ex-reclusas, dentro e fora da prisão, embora o estigma contra esta população ainda se encontre muito presente por parte do empregador.

**Palavras-chave:** ex-reclusas, programas prisionais, eficácia, motivação

## **Education and Professional Qualification: Ex-Prisoners Views**

### **Abstract**

Reclusion can be seen from an educational perspective, as the inmate can participate in educational and professional programs to prepare for their release. Therefore, it's pertinent to know the ex-inmates' perspectives to better understand the effectiveness and the relevance of these programs, the motivations towards participation, and the effects the programs have in their free lives. In this study participated eight women ex-inmates, who were supervised by DGRSP. The data were collected through a semi-structured interview, that was built according to the literature and the study purpose. The results were analysed through thematic analysis, which allowed to identify four main themes: Motivation towards work and education; Motivation for academic dropout; Perception of change after reclusion; Effectiveness of programs in relation to employment. The results show that there is a positive effect associated with these programs, in and outside the prison, although the stigma against this population is still very present by the employer.

**Key-words:** ex-inammates, prison programmms, efficacy, motivation

## Índice

|                                                                    |    |
|--------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução.....                                                    | 9  |
| Formação educacional e profissional nas prisões para mulheres..... | 9  |
| Eficácia e vantagens das intervenções .....                        | 11 |
| Motivação à participação .....                                     | 13 |
| Método .....                                                       | 14 |
| Participantes.....                                                 | 14 |
| Instrumentos .....                                                 | 16 |
| Questionário sociodemográfico. ....                                | 16 |
| Entrevista semiestruturada. ....                                   | 16 |
| Procedimentos.....                                                 | 16 |
| Análise de Dados .....                                             | 16 |
| Resultados .....                                                   | 17 |
| Motivação para o trabalho e educação .....                         | 18 |
| Aquisição de conhecimento académico. ....                          | 18 |
| Aquisição de competência laborais. ....                            | 18 |
| Razões sociais inerentes ao contexto prisional. ....               | 19 |
| Promoção da saúde mental.....                                      | 19 |
| Motivação para a Desistência Académica .....                       | 20 |
| Conteúdos desajustados. ....                                       | 20 |
| Trabalho para obtenção de dinheiro. ....                           | 20 |
| Perceção de mudança pós reclusão .....                             | 21 |
| Diferente perceção de vida. ....                                   | 21 |
| Aquisição de responsabilidades/regras. ....                        | 22 |
| Eficácia dos programas face ao emprego .....                       | 22 |

|                                                                          |    |
|--------------------------------------------------------------------------|----|
| Discussão .....                                                          | 23 |
| Motivação à participação nos programas profissionais e de educação ..... | 23 |
| Motivos para a desistência escolar.....                                  | 24 |
| Perceção de mudanças pós reclusão .....                                  | 24 |
| Eficácia dos programas face ao emprego” .....                            | 25 |
| Conclusão .....                                                          | 25 |

### **Lista de Tabela**

|                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------|----|
| <i>Tabela 1. Caraterização sociodemográfica das participantes .....</i> | 15 |
|-------------------------------------------------------------------------|----|

### **Lista de Figuras**

|                                                               |    |
|---------------------------------------------------------------|----|
| <i>Tabela 2. Resultados: Temas e respetivos subtemas.....</i> | 17 |
|---------------------------------------------------------------|----|

### **Anexos**

|                                             |    |
|---------------------------------------------|----|
| Anexo A: Parecer da Comissão de Ética ..... | 33 |
|---------------------------------------------|----|

## **Introdução**

O Código Penal português assenta num sistema punitivo de orientação pedagógica e ressocializadora, que tem como objetivo principal a reintegração na sociedade, preparando o recluso para uma vida livre de crimes (Decreto lei nº48/49 – Código penal, artigo 40º e 42º).

Estes princípios são reforçados pelo código de execução de penas e medidas privativas de liberdade (Lei nº115/2009, 12 de outubro), que estabelecem normas para as atividades dentro dos estabelecimentos prisionais. As pessoas reclusas têm direito de participação em atividades de ensino, formação, trabalho e programas que constroem o plano individual de readaptação, que visa a preparação para a liberdade. Estas atividades, têm como principal função, criar e reforçar as competências já existentes e trabalhá-las de forma a promover uma convivência ordenada no meio prisional, bem como a adoção de comportamentos socialmente responsáveis que possam implementar em reclusão e em liberdade (Lei nº115/2009, 12 de outubro).

A eficácia destas intervenções em meio prisional, bem como a sua eficácia após saída da prisão têm sido pouco estudadas, em Portugal. Os poucos trabalhos existentes centram-se em novas formas de ensino neste contexto (Moreira, Reis-Monteiro, & Machado, 2017). Assim, desconhecendo a existência de estudos com a população ex-reclusa, especificamente com mulheres, o objetivo principal desta dissertação é compreender as perceções de eficácia por parte de ex-reclusas, acerca dos programas educacionais e profissionais frequentados durante a reclusão.

Começaremos, assim, por nos debruçarmos sobre os programas de educação e formação existentes nas prisões portuguesas para mulheres e no estrangeiro, bem como a fundamentação para a sua existência. Seguidamente, focar-nos-emos na taxa de reincidência como medidora de eficácia dos programas, fazendo a ponte com as vantagens que estes têm demonstrado. Por fim, este enquadramento teórico aborda as motivações que levam à participação nos programas prisionais.

## **Formação educacional e profissional nas prisões para mulheres**

Com foco na população a ser estudada, encontram-se diversas teorias feministas que têm sido desenvolvidas com o intuito de responder à questão, do que é que leva uma mulher a cometer um crime, sendo que estas perspetivas têm sofrido alterações ao longo do tempo (Loraine, 2004). No que diz respeito aos fatores estáticos, não parecem existir grandes diferenças entre homens e mulheres (Heddermand, 2004; McKendy & Ricciardelli, 2019). Estes caracterizam-se por não permitirem uma mudança através de intervenção exterior, como a idade, a idade do 1º crime, o nº de sentenças anteriores e o tipo de crime cometido (Bonta, Pang, & Wallace-Capretta, 1995; Loraine, 2004).

Nos fatores dinâmicos, por outro lado, parecem existir algumas especificidades próprias das mulheres, tais como distorções cognitivas, relações com pessoas significativas, poucas qualificações académicas, uso de substâncias e os abusos sofridos na vida adulta (Bonta et al, 1995; McKendy & Ricciardelli, 2019; Loraine, 2004). Estes caracterizam-se por serem suscetíveis às mudanças através da intervenção, correspondendo às necessidades criminógenicas que o indivíduo apresenta (Andrews & Bonta, 2010; Bonta & Wormith, 2007).

No entanto, estas necessidades só irão ser colmatadas através da criação e implementação de programas que sejam dirigidos diretamente aos fatores dinâmicos específicos das mulheres (Bonta et al, 1995; Heddermand, 2004; Loraine, 2004; McKendy & Ricciardelli, 2019). Segundo Bonta, et al (1995), as duas necessidades criminogénicas mais comuns, que por sua vez mais importantes em serem trabalhadas de forma a diminuir a reincidência, são o nível de escolaridade das pessoas reclusas e a empregabilidade após a reclusão. Podemos, assim, deduzir, que também para as mulheres estas necessidades são fundamentais, principalmente se tivermos em conta os dados sobre a formação académica da população reclusa em geral é muito baixa: 32% com o 6º ano, 29% com o 4º ano, 25% com o 9º ano, 5% com o 12º ano de escolaridade e 9% sem qualquer tipo de escolaridade (DGRSP, 2018).

Assim, em Portugal, e consoante os estabelecimentos prisionais, são realizadas atividades laborais, educacionais, desportivas, entre outras (Lei nº115/2009, 12 de outubro). Apesar de diferentes nos conteúdos, conforme o EP e as condições que este oferece, estas cumprem as os objetivos estabelecidos pelos Código Penal e de Execução de Pena (Decreto lei nº48/49 – Código penal, artigo 40º e 42º).

Em 2018, segundo o relatório de atividades e autoavaliação da DGRSP, cerca de 4338 reclusos estiveram em formação escolar e/ou profissional e cerca de 5898 reclusos desenvolveram uma atividade laboral (DGRSP, 2018). Ao analisar este relatório de atividades, verifica-se que existem diferenças entre os EP's para Homens e Mulheres, mais concretamente comparando o EP Santa Cruz de Bispo Feminino (ao qual pertencem as participantes deste estudo) e Masculino. Verifica-se que, no EP para mulheres, a maior parte das atividades são tradicionalmente femininas, tais como a confeção de artigos de vestuário e roupa de cama, e no masculino, atividades tradicionalmente masculinas como serralharia civil e manutenção e reparação de automóveis (DGRSP, 2018).

### **Eficácia e vantagens das intervenções**

A grande questão que os governos colocam sobre estas medidas aplicadas dentro dos estabelecimentos prisionais, é se realmente servem o seu propósito, que é diminuir a reincidência e capacitar os reclusos de novas competências que os ajudem a recomeçar na sociedade (Batiuk, Moke, & Rountree, 2006).

A melhor maneira de verificar a eficácia de um programa é através da taxa de reincidência, se esta taxa for muito alta, significa que o programa em questão não cumpre a sua finalidade (Jensen & Gary, 2006; May, 2011; Mackenzy, 2016).

Assim, Jesen e Gary (2006) realizaram uma meta-análise com o intuito de perceber que programas realmente reduzem a taxa de reincidência. Concluíram que a participação em programas educativos direcionados para adultos e a participação em programas de educação vocacional ajudam na redução desta taxa. Estes resultados também vão ao encontro dos resultados obtidos por Drake e Miller (2006), que apontam as áreas da educação e da empregabilidade como a base dos programas que reduzem a taxa de reincidência.

Em Portugal, são poucos os estudos que procuram dar respostas a estas questões. Há um estudo realizado por Moreira et al. (2017), que procura perceber como é que a educação superior à distância é vista pelos reclusos em Portugal, focando nas percepções dos indivíduos. Através das entrevistas concluíram, que o que está a falhar na transmissão de conhecimento, é as condições das instalações e o acesso a recursos académicos e tecnológicos. Ou seja, é necessário obter melhores condições de forma a que haja oportunidade de obter uma qualificação profissional e um desenvolvimento pessoal que permita aumentar as perspetivas de um futuro em liberdade (Moreira et al., 2017).

Hall (2015), realizou uma análise sistemática com o intuito de perceber o impacto dos programas educacionais em meio prisional. Chegou à conclusão, que a educação de forma indireta diminui a taxa de reincidência, pois capacita os reclusos com maiores competências para obter um emprego após a reclusão. Assim, quanto maior o nível de educação de um recluso maior a probabilidade de arranjar um emprego após reclusão (Lockwood, Nally, Ho, & Knutson, 2012; Duwe & Clark, 2014).

Drake (2013), comparou 827 reclusos divididos em dois grupos (participação e não participação em programas prisionais) ao nível das taxas de empregabilidade após reclusão, salário e reincidência. Conclui, que as participações em programas de empregabilidade obtiveram uma maior taxa de obtenção

de emprego, apesar de os reclusos com o maior nível de educação terem tido mais facilidade em encontrarem um emprego, tendo ou não estado envolvidos neste programa. Ao nível dos salários, os que participaram obtiveram um salário maior e ao nível da reincidência, os que participaram tiveram uma taxa mais baixa em comparação com os que não participaram no programa.

Estudos empíricos, sobre os fatores que influenciam a reincidência, demonstram que a obtenção de um emprego influencia a reconstrução da vida em liberdade (Alvarez & Loureiro, 2012). No entanto, ainda há muita discriminação por parte das entidades trabalhadoras, que valorizam muito o registo criminal ignorando todo o processo que é realizado pelos reclusos na reabilitação e reinserção na sociedade (Hunter & Boyce, 2009; Rhodes, 2008).

Para além da diminuição da reincidência, a obtenção de um emprego pós reclusão tem influência na construção ou recuperação da identidade. Este duplo sentido dado à empregabilidade, ajuda à desistência da vida do crime e à socialização dos reclusos num mundo novo (Rhodes, 2008).

Todavia, estas intervenções demonstram algumas vantagens que podem ser vistas a nível individual ou a nível grupal na comunidade reclusa, vantagens estas que tendem a perdurar após reclusão (Baranger, Rousseau, Mastroilli, & Matesanz, 2018; Fine, et al, 2001).

Pegando no exemplo da educação em meio prisional, que é o programa mais estudado internacionalmente, este é visto como sendo uma ferramenta para o bem-estar físico e mental, e como ocupação do tempo (Baranger, et. al, 2018; Pastores, 2018; William, 2019). Segundo vários autores (Baranger, et. al, 2018; Pastores, 2018; William, 2019), a estrutura dos programas permite uma ocupação do tempo, o recluso fica menos propenso em se envolver em atividades ilícitas dentro da prisão, fomentando a relação com outros reclusos que têm os mesmos interesses e conseguindo, assim, construir uma ligação emocional (Baranger, et. al, 2018; Pastores, 2018; William, 2019). Esta ocupação de tempo transmite, por um lado, um sentimento de segurança através da prevenção dos perigos que se encontram neste contexto e, por outro lado, transmite uma nova perspetiva da punição em meio prisional.

Ao mesmo tempo, a participação em programas de promoção da educação permite mudar as conceções que o recluso tem de si, vendo-se como estudante, e cria uma noção diferente de futuro (Baranger, et. al, 2018; Fine, et al, 2001; Gerber & Fritsch 1995; Pastores, 2018; William, 2019). Muitos são os reclusos que relatam ingressarem nestas atividades com o intuito de retirarem algo positivo do

tempo de reclusão criando expectativas para o futuro em liberdade ao nível laboral (Baranger, et. al, 2018; Fine, et al, 2001; Hunter e Boyce, 2009; Pastores, 2018; William, 2019).

### **Motivação à participação**

Existem diversas razões que levam os reclusos a participar nos programas educacionais e profissionais, estas motivações estão interrelacionadas com as características individuais e contextuais. De acordo com Manger, Eikeland, Diseth, Hetland e Asbjørnsen (2010), é possível dividir as motivações em três categorias: preparar-se para a vida após reclusão, razões sociais e únicas ao contexto prisional e a aquisição de conhecimentos e competências. Assim, quem procurar inserir-se num programa, está a preparar a sua vida após a prisão e consequentemente, quer o faça com intenção ou não, sai do contexto prisional com conhecimentos que não possuía, à priori, nomeadamente a criação de perspetivas de futuro através de certificação académica (Manger, et. al 2010; Vazquez-Cano, Holgueras-González, & Fombona-Cadavieco 2019).

Mesmo estando a frequentar os programas educacionais com o objetivo de se afastarem de um certo ambiente negativo que é sentido dentro das prisões, acabam por colmatar os déficits pessoais e preparam-se para a vida em liberdade (Behan & Cormac, 2014; Panitsides & Moussiou, 2019; William, 2019; Chamberlain, 2012; Rhodes, 2008).

Para além destes fatores, que afetam o indivíduo de forma psicológica e comportamental, o contexto prisional também oferece regalias a quem participa nos programas, sendo estas apontadas como um fator motivacional com bastante peso (Zhao, Messner, Liu, & Jin, 2019). Nestas regalias, que são específicas a cada cultura e país, inserem-se, por exemplo, as visitas, a duração da pena e os telefonemas (Manger, et al, 2010; Roth & Manger, 2014; Zhao, et al, 2019).

Desta forma, não existe uma única razão à participação, mas é a junção de diversos motivos individuais e contextuais, que demonstram ter mais impacto na decisão à participação (Brosens, et al, 2015a; Croux et al, 2018; Mager, et al, 2010; Zhao, et al, 2019).

Tendo em conta o referido na literatura, esta dissertação tem como objetivo geral a análise das perceções de ex-reclusas sobre os programas desenvolvidos e em que estavam inseridas aquando da sua reclusão e a análise da sua situação face ao emprego. Mais especificamente, pretende-se identificar: as motivações associadas à participação nos programas prisionais, compreender se a ingressão num programa educacional/profissional influenciou a obtenção de emprego por parte de ex-reclusas e perceber que outras implicações os programas têm nas ex-reclusas.

### **Método**

Esta dissertação integrou uma metodologia qualitativa, que permite perceber os significados que os indivíduos atribuem a um determinado problema social ou humano, através da colheita de dados num ambiente natural e mais preciso possível (Creswell & Poth 2018). Permitindo uma melhor interpretação de temas poucos explorados, como é o caso do tema presente nesta dissertação.

### **Participantes**

No presente estudo, os participantes foram selecionados de acordo com o método de amostragem não probabilística, em que os participantes são escolhidos de acordo com a questão de investigação, através da colocação de critérios específicos que permitem selecionar os participantes (Creswell & Poth, 2018).

Neste estudo, tendo em conta a população pretendida e a localização geográfica da mesma, foi idealizado a participação 12 ex-reclusas que se encontravam inseridas nas equipas da DGRSP do Norte. No entanto, devido à pandemia, só foi possível entrevistar oito mulheres.

Os critérios de inclusão são os seguintes: a) ser do sexo feminino; b) encontrar-se em liberdade condicional, de forma a poder avaliar o impacto dos programas realizados no acesso ao emprego; c) ser falante de português; d) ter frequentado um curso de educação/formação ou ter exercido uma profissão durante o tempo de reclusão.

Na tabela seguinte (cf. Tabela 1), pode-se verificar a caracterização sociodemográfica das participantes no estudo.

# EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

*Tabela 3. Caracterização sociodemográfica das participantes*

| Participante | Idade | Escolaridade | Crime Cometido                                      | Tempo total de Pena | Tempo total dentro do EP | Tempo em Liberdade Condicional | Situação Laboral | Estabelecimento Prisional | Realizado dentro do EP |
|--------------|-------|--------------|-----------------------------------------------------|---------------------|--------------------------|--------------------------------|------------------|---------------------------|------------------------|
| <b>MCP1</b>  | 41    | 1º ciclo     | Furto qualificado, violência e subtração            | 11 anos             | 8 anos                   | 1 ano                          | Empregada        | EPSCB                     | Trabalho; Escola       |
| <b>OMP2*</b> | 49    | Analfabeta   | Tráfico de estupefacientes e posse de arma proibida | 13 anos e 2 meses   | 10 anos e 6 meses        | 1 anos e 9 meses               | Empregada        | EPSCB                     | Trabalho; Escola       |
| <b>RPP3*</b> | 48    | Analfabeta   | Tráfico de estupefacientes                          | 5 anos              | 4 anos e 4 meses         | 8 meses                        | Desempregada     | EPSCB                     | Trabalho; Escola       |
| <b>AOP4</b>  | 56    | 2º ciclo     | Tráfico de estupefacientes agravado                 | 5 anos e 6 meses    | 3 anos e 9 meses         | 1 ano e 6 meses                | Desempregada     | EPSCB                     | Trabalho               |
| <b>EDP5</b>  | 63    | 1º ciclo     | Crime de homicídio                                  | 6 anos              | 5 anos e 11 meses        | 1 mês                          | Desempregada     | EPSCB                     | Escola                 |
| <b>JBP6</b>  | 42    | 1º ciclo     | Tráfico de estupefacientes                          | 5 anos              | 2 anos e 7 meses         | 2 anos                         | Desempregada     | EPSCB                     | Trabalho               |
| <b>FMP7*</b> | 49    | Analfabeta   | Tráfico de estupefacientes                          | 11 anos e 8 meses   | 9 anos e 11 meses        | 3 anos e 8 meses               | Desempregada     | EPSCB                     | Trabalho               |
| <b>CMP8*</b> | 41    | Analfabeta   | Tráfico de estupefacientes                          | 7 anos              | 5 anos e 10 meses        | 9 meses                        | Desempregada     | EPSCB                     | Trabalho; Escola       |

\*Participantes de etnia cigana

## **Instrumentos**

Os instrumentos adotados no presente estudo foram os seguintes:

**Questionário sociodemográfico.** Este, é constituído por itens pertinentes à investigação, sendo maioritariamente respondidos através da análise dos processos individuais e confirmados ao longo da entrevista e que se encontram apresentados na Tabela 1.

**Entrevista semiestruturada.** É o método mais utilizado na investigação qualitativa, que permite obter uma grande quantidade de informação detalhada e diversificada, que só o entrevistado pode fornecer (Braun & Clarke, 2006; Júnior & Júnior, 2011). A entrevista foi criada com o propósito de responder aos objetivos e abordou os seguintes temas: 1) situação laboral atual; 2) tipo de programa em esteve inserida durante o tempo de reclusão; 3) viabilidade dos programas; 4) impacto dos conhecimentos adquiridos em reclusão no seu dia-a-dia em liberdade a nível pessoal e profissional; e 5) motivações à participação nos programas.

## **Procedimentos**

Numa fase inicial, realizou-se a solicitação das autorizações para a realização do estudo junto da Comissão de Ética da Universidade do Minho e junto da Direção Geral de Reinserção Social e dos Serviços Prisionais (DGRSP).

Após a obtenção da autorização da DGRSP, foi realizado um primeiro contacto com as equipas para a realização de um levantamento do número de mulheres que se encontram em liberdade condicional e verificar a disponibilidade de cada técnico para a realização da entrevista.

Antes da realização da entrevista, procedeu-se à análise dos processos individuais das participantes, com o intuito de as caracterizar em termos sociodemográficos. Seguidamente, foram realizadas as entrevistas, nas instalações da equipa à qual pertence a participante. No início de cada entrevista foi fornecido um consentimento informado a cada participante, onde foi explicado o objetivo da entrevista, os termos da confidencialidade e necessidade do recurso a um gravador áudio.

## **Análise de Dados**

Com o objetivo de explorar, identificar e compreender as respostas dadas nas entrevistas, as mesmas foram transcritas de forma integral, salvaguardando dados pessoais que permitam a identificação das participantes. As entrevistas apresentaram uma duração média de 30 minutos.

## EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

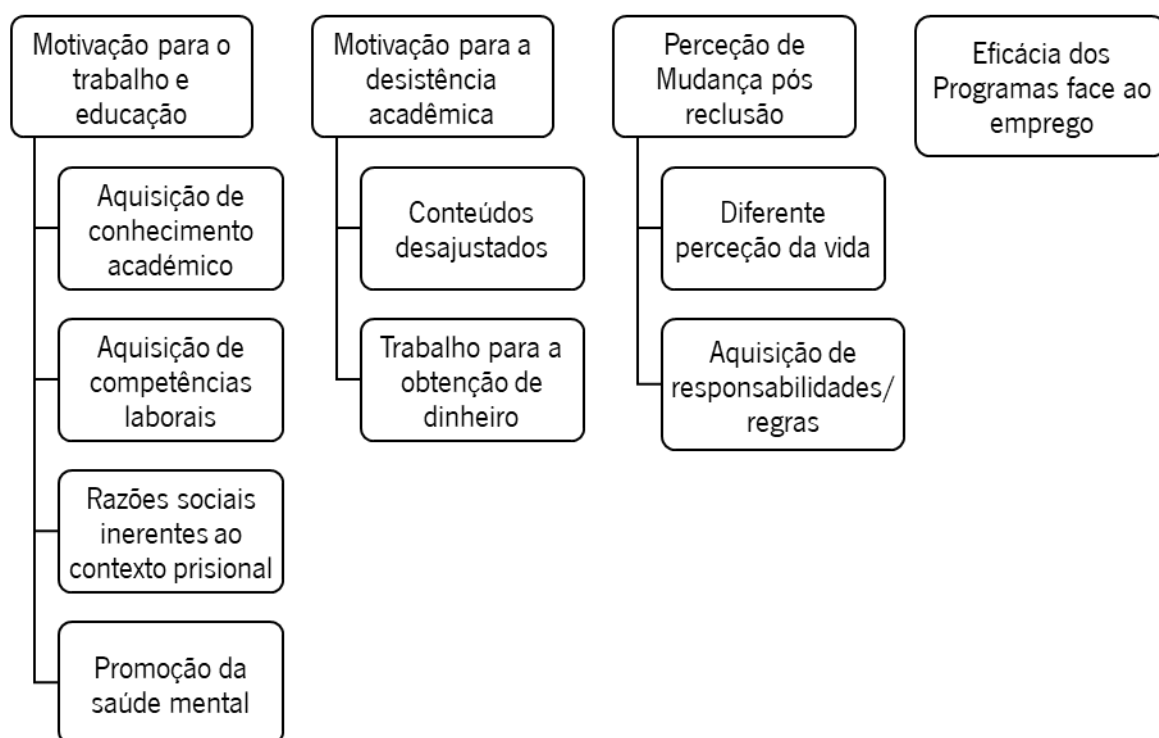
Para a realização da análise de dados, recorreu-se à Análise Temática, um método de identificação e análise de padrões/temas, ao longo do conjunto de dados (Braun & Clarke, 2006). Assim, após as transcrições integrais das entrevistas, ocorreu um processo de familiarização com as mesmas que se pautou pela leitura repetida, o que permitiu identificar códigos, que por sua vez se incluem em temas originários dos dados, correspondendo a uma abordagem indutiva (Braun & Carke, 2006).

Os excertos das entrevistas foram agrupados de acordo com determinadas palavras e respetivos significados dados pelas participantes, de seguida foram re-organizados de acordo com semelhanças que apresentavam, com o objetivo de tornar os temas e subtemas mais homogêneos. Após diversas reorganizações dos dados, chegou-se à organização final que é descrita na parte dos resultados.

### Resultados

Em resultado da análise de dados realizada, como referida acima, chegou-se aos resultados finais demonstrados na Figura 1, que engloba 4 temas principais, o primeiro com quatro subtemas, o segundo e o terceiro com três subtemas.

*Figura 1. Resultados: Temas e respetivos subtemas*



### **Motivação para o trabalho e educação**

Neste tema enquadra-se as motivações à participação nos programas relativos à educação e à formação profissional, incluindo motivações que estão inerentes ao indivíduo e ao contexto prisional, que são espelhadas nos quatro subtemas seguidamente apresentados.

**Aquisição de conhecimento académico.** O primeiro subtema, demonstra as razões que levaram as participantes à realização de atividades escolares, para o seu desenvolvimento intelectual e pessoal, como é demonstrado pelos seguintes excertos:

“Porque queria saber ler e escrever (...), pra mim foi bom foi porque eu entrei sem saber nada, nem saber o meu nome sequer, pra mim foi bom porque eu tinha de pôr o dedo e havia certa situação que lá tinha de ser mesmo assinar, então pra mim adiantou um bocadinho foi bom.” (P8)

“Eu sempre gostei muito de estudar eu na altura os meus pais tiraram-me não me deixaram estudar e eu sempre gostei muito, então lá dentro achei uma oportunidade boa para estudar só que também não quis continuar porque é sempre, sinceramente aquilo é uma palhaçada.” (P1)

“Coisas boas ehhhh não sabia assinar não sabia ler nada” (P2)

“Aprender ser mais alguma coisa, o meu não eu já sabia já há muito tempo agora do meu filho e das minhas filhas já sei (...) E a escola é muito importante, é para aprender o que..é onde aprendo mais coisas o mais importante é a escola para aprender a escrever e tudo.” (P3)

**Aquisição de competência laborais.** O segundo subtema apresentado, relaciona-se com as motivações inerentes ao futuro, nomeadamente a vontade de aprender uma profissão de forma a poder exercê-la à saída da prisão, como é demonstrado pelos seguintes excertos:

“Gostava pronto gostava por duas coisas aprendi muita coisa aprendi a cozer sapatos que não sabia.” (P2)

“Não sei, se eu se calhar não me metesse nas artes plásticas ou nas outras artes era capaz de não ganhar vontade de tirar este curso (...) E agora já estou por dentro do assunto não é.” (P4)

“(...) aprendi muito ali fazia sapato à mão não é, fui pronto tive uma experiência sempre me fui ocupando me ocupei sempre (...) me agarrei ao trabalho tinha aquela curiosidade em aprender sempre fui cozinheira já, aprendi a costurar depois, aprendi a costurar.” (P6)

## EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

“Sim embora não esteja a trabalhar nisso, mas, mas eu não era costureira e aprendi lá dentro e é sempre bom. E trabalhei como supervisora e ainda tive lá dois anos e tal como supervisora é ótimo, quem sabe no futuro, nunca se sabe eu posso vir a trabalhar nisso outra vez.” (P1)

**Razões sociais inerentes ao contexto prisional.** Este terceiro subtema, remete-nos para o contexto prisional, como impulsionador à participação, nomeadamente os benefícios que poderiam retirar, como o dinheiro e o acesso a precárias, demonstrado pelos excertos seguintes:

“Eu tinha que trabalhar um trabalho fixo para ganhar aquele salário fixo, eu ganhava por exemplo, se eu trabalhasse durante um mês inteiro eu ganhava cem euros percebe e ainda tiram algum para a reserva que é pras nossas precárias (...) foi mais por isso e também por causa da cantina que nós precisamos de ter coisas ali” (P8)

“E trabalhava noite porque eu lá, não temos um ordenado na cadeia, nós temos uma comissãozinha de 20€/mês, claro pra nossos gastos produto higiénico” (P6)

“Para quando uma pessoa começa a ter precária ter dinheiro pa vir porque havia muita gente que começava a ter precárias e não tinha dinheiro nem para a camioneta” (P1)

“Mas eu também gosto mais de trabalhar uma pessoa precisa do trabalho para o que é preciso (faz gesto a exemplificar dinheiro).” (P3)

“Era porque queria e (...) tinha que ter uma ocupação porque senão também tínhamos precárias mais tarde (...)” (P5)

**Promoção da saúde mental.** O último subtema apresentado, demonstra outras motivações para além das materiais como as apresentadas anteriormente, estando estas, relacionadas com o bem-estar mental, a ocupação do tempo e o evitamento de comportamentos desadequados/prejudiciais.

“Sabe numa cadeia, se uma pessoa não tiver nada há certas ocasiões que estamos fechadas e se uma pessoa tiver trabalho vem para fora” (P4).

“(...) também porque é assim, era bom ali estar, muitas vezes ficamos cansada quando não tinha trabalho porque tava dentro da ala e eu com o trabalho não, saia para fora (...) é assim ali dentro ajudou muito, porque espalhava muito a cabeça esquecia mais os problemas de fora esquecia, por exemplo, o meu marido (...) eu não sei como é que as pessoas estão lá dentro consegue estar lá dentro e não trabalhar, porque o trabalho lá dentro ajuda muito mesmo (...)” (P8)

## EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

“Pra ter uma atividade não é, não tar presa todo o dia na cela.” (P6)

“Ocupada no trabalho passei muito bem o tempo” (P2)

“Ai ajudou o trabalho, ajudou muito não só a passar o tempo, a manter a sanidade mental (...) para poder ter uma vida cá fora porque é muito difícil lá dentro se não ocupar a cabeça fica maluca (...) mas tem qualquer coisa, eu acho que é horrível ehh as pessoas depois tornam-se num vegetais ali e depois andam a roubar as outras colegas porque não tem tabaco não tem éé.” (P1)

### **Motivação para a Desistência Acadêmica**

No segundo tema inserem-se as razões que levaram as participantes a desistir do programa educacional, estando dividido em dois subtemas.

**Conteúdos desajustados.** Este subtema, foca-se nos conteúdos programáticos lecionados, nas expectativas que as participantes tinham sobre a obtenção de conhecimentos novos e a falta de apoio durante o programa, como é comprovado pelos seguintes excertos:

“Não, não é adequado, os professores não puxam (...), mas queria aprender não queria estar só ali por estar e cheguei à conclusão que não ia aprender nada, do que eles me ensinaram no quinto e no sexto foi o que eu aprendi na segunda e na terceira classe.” (P1)

“(...)euhmm aprendi a bem dizer quase nada, mas pronto ah não faltava ia todos os dia e tal e elas passavam, não tive faltas elas passaram-me, passaram-me sempre (...).” (P5)

“(...) vou ser sincera só que eu a fazer a 4ª classe não sei escrever muito não sei ler muito porque na situação em que estamos lá é muito complicado, (...) muitas ali ui têm escolar e começavam a ler pouco tempo só que a minha cabeça não aceitava cansada ou era por ser mais difícil por ter a idade já que eu tenho já vou fazer 42 ou não sei (...) eu eu fiquei um bocadinho melhor que quando entrei para a cadeia nem sabia assinar o nome.” (P8)

**Trabalho para obtenção de dinheiro.** Este segundo subtema, demonstra uma motivação para a realização do trabalho, que levou à desistência do programa educacional, que se relaciona também com a evolvente do contexto prisional e pessoal, como é possível de observar através dos seguintes excertos:

“Foi pena não ter andado muito mais porque eu precisava de trabalhar pra ganhar algum, mandava pra fora pro meu marido ter visitas, pra ajudar o meu marido, pra eu fazer cantinas lá dentro (...)” (P8)

## EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

“Chamaram-me pa escola foi verdade sim, andei uns dias na escola, mas depois eu desisti (...) porque tinha que estar umas horas no trabalho e umas horas na escola e pra mim não dava”(P7)

“Não, eu primeiro ano fiz o quinto e o sexto ano porque eu só tinha a quarta classe fiz o quinto e o sexto ano e cozia calçado à noite na cela ahmm entretanto deixei de estudar porque uma pessoa lá a maior parte das pessoas acham que nós temos tudo de graça mas não (...), mas eu optei plo trabalho porque, porque primeiro porque me fazia falta o dinheiro e segundo porque já estava saturada da escola e não é e não aprendia nada que é mesmo assim.” (P1)

### **Perceção de mudança pós reclusão**

Neste terceiro tema, enquadram-se outras implicações que os programas prisionais em estudo têm na vida pessoal das ex-reclusas, ou seja, de que forma a participação nos programas as ajudou. Este tema, encontra-se dividido em dois subtemas

**Diferente perceção de vida.** Este subtema apresenta o reconhecimento dos seus erros e das mudanças que os programas tiveram na maneira como encaram a vida, como evidenciado pelos seguintes excertos:

“Eu mudei muita coisa, muita coisa mudei mudei, hmm não fui para lá muito revoltada eu só tinha que pagar o que paguei (...) fez-me menina, fez-me abrir os olhos até agora.” (P7)

“Eu passei por aquilo (...) aprendi com os erros (...) tipo como posso explicar? me ajudou a ter mais coragem e sempre a olhar pra trás. O que eu passei pra mim não foi fácil, por isso é que eu tomo aquilo como uma lição de vida.” (P6)

“A perceber os erros que a gente às vezes comete. E levo outro modo de vida gosto de trabalhar gosto daquilo que faço e aprendi muita coisa. Estou em casa apanho uma folha começo a escrever e vejo um livro e começo a ler um bocadinho não sei muito mas mais ou menos” (P3)

“Sempre andei na feira com o meu pai, (...), mas agora claro é diferente. Trabalhei mesmo em coisas pesadas (...) basta que eu vou ao fundo de desemprego e eu disse que qualquer coisa me serve, qualquer coisa que seja, nem que seja varrer ruas eu estou disposta, eu quero ter um trabalho claro que sim, que nunca tinha trabalhado, andava nas feiras que é diferente.” (P8)

“Até que eu ontem comecei um curso pelo cento de emprego. Não sei, se eu se calhar não me metesse nas artes plásticas ou nas outras artes era capaz de não ganhar vontade de tirar este curso.” (P4)

**Aquisição de responsabilidades/regras.** Este subtema, demonstra o impacto que a participação nos programas teve nos hábitos de vida das ex-reclusas, principalmente na aquisição de novos comportamentos, como é representado pelos excertos seguintes:

“Aprendi olhe eu prontas aprendi certas coisas que eu não sabia não é, há regras para tudo lá, há regras para tudo”. (P7)

“Eu quando fui presa eu era empresária trabalhava pra mim tinha uma empregada. Eu ali dentro ganhei responsabilidade, porque se eu não cumprisse ficava todo o dia na cela presa (...), então me fez ter mais responsabilidade, ter um horário (...), eu tinha que trabalhar então faz ter mais responsabilidade com a vida”. (P6)

“Sim porque ia estar habituada a ter horários (...) Sim, por exemplo o mês e pouco que tive sem trabalhar tava me a meter muita confusão eu não ter horários.” (P1)

### **Eficácia dos programas face ao emprego**

Este último tema, enquadra as realidades sentidas pelas participantes na ingressão no mundo de trabalho, as expectativas e os obstáculos.

“Ora bem sim mas eu também já sabia que quando saísse já não ia ser fácil (...) devido à minha idade.” (P5)

“Sim sim arranjar o mesmo trabalho o mesmo emprego que eu tinha lá dentro.” (P7)

“(…) Nós lá dentro trabalhamos muito, aprendemos e depois quando saímos, saímos com a ilusão vou continuar com esse trabalho e lá dentro eu fiz o que eu gostei, (...) quando eu saísse, poderia ir para uma fábrica, (...) mas não me dão essa oportunidade. E era muito difícil.” (P6)

“Muita coisa e gostaria um dia se se me arranjasse um emprego desses eu ia.” (P2)

“Por mim acho que é mais a escolar que não tenho.” (P8)

“Eu poderia arranjar outros empregos se soubesse ler e escrever.” (P2)

“Ahm não não tentei procurar porque eu já tinha ah 60 anos sim 61 e ahm ninguém me dava emprego então eu fui tratar da reforma.” (P5)

“Hmm sabe que a minha idade já não procura já não metem muito.” (P4)

## EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

“Somos discriminadas (...) quando eu falava da situação não me aceitavam, o facto de ter aprendido na cadeia (...) eu aprendi na cadeia a mexer numa máquina, mas não tive oportunidade de empresa nenhuma.” (P6)

“Conforme as pessoas muitos não querem as ciganas a trabalhar e têm medo sabe.” (P3)

### **Discussão**

Esta discussão irá consistir numa análise de cada tema identificado, integrando os objetivos do estudo com a literatura.

#### **Motivação à participação nos programas profissionais e de educação**

Manger, et al (2010), através da análise dos motivos à participação em programas prisionais, estabeleceu três categorias que são: a preparação para a liberdade, razões sociais e únicas ao contexto prisional, e aquisição de conhecimento e competências. Nesta investigação é possível ver semelhanças entre as categorias supramencionadas e os subtemas, que são a “Aquisição de conhecimento académico”, “Aquisição de competências laborais”, “Razões sociais inerentes ao contexto prisional” e “Promoção da saúde mental”, tal como encontrado pelos autores, estes subtemas parecem interrelacionar-se.

Os dois primeiros subtemas, demonstram a vontade genuína de aprender como ferramenta para o futuro ao nível da educação e do trabalho. Independentemente do tipo de programa que as participantes escolhem, estão a trabalhar competências e a ganhar conhecimentos que podem aplicar quando saírem em liberdade (Behan, 2014; Zhao, et al, 2019; Brosens, et al, 2015a; Croux, et al, 2018).

Foi apontado como um fator bastante importante à motivação, os ganhos que podem obter de forma a melhorar as condições de reclusão (Panitsides & Moussiou, 2019; William, 2019 Zhao, et al, 2019; Croux, et al, 2018; Vazquez-Cano, Holgueras-González, & Fombona-Cadavieco, 2019). Estes motivos são específicos a cada cultura e ao contexto prisional em que se encontram inseridos (Zhao, et al, 2019). Assim, é possível perceber através das entrevistas que a participação, em ambos os programas, permitiu a obtenção de precárias. O programa profissional permitiu ainda a obtenção de dinheiro necessário para usar dentro e fora da prisão para as suas necessidades, nomeadamente para as deslocações durante as precárias: “Para quando uma pessoa começa a ter precária ter dinheiro para vir porque havia muita gente que começava a ter precárias e não tinha dinheiro nem para a camioneta” (P1).

O subtema “Promoção da saúde mental”, mostra um outro tipo de motivação, nomeadamente, o facto de permitir uma ocupação do corpo e da mente evitando pensamentos dolorosos face ao mundo exterior (Spark & Harris, 2005; Baranger, et al, 2018; Roth & Manger, 2014; Vazquez-Cano, Holgueras-González, & Fombona-Cadavieco, 2019; Pastore, 2018; William, 2019; Panitsides & Moussiou, 2019; Behan, 2014). Muitas consideraram ser a melhor forma de passar o tempo e evitar comportamentos agressivos de colegas desocupadas.

### **Motivos para a desistência escolar**

As barreiras à participação têm-se focado nas características pessoais dos reclusos, por um lado, mas, por outro lado, é possível observar que há determinados fatores que levam ao abandono dos programas ou à sua troca por outros (Croux,et al, 2018; Brosens,et al, 2015b). A este nível, as participantes deste estudo sinalizaram a existência de conteúdos desajustados, face à experiência educativa obtida na escolaridade formal, bem como a não adequação de algumas práticas por parte dos profissionais, por serem pouco exigentes (Croux,et al, 2018): “Não não é adequado, os professores não puxam (...), mas queria aprender não queria estar só ali por tar e cheguei à conclusão que não ia aprender nada, do que eles me ensinaram no quinto e no sexto foi o que eu aprendi na segunda e na terceira classe.” (P1); “(...) aprendi a bem dizer quase nada, mas pronto ah não faltava ia todos os dias e tal e ela não tive faltas elas passavam, (...)” (P5).

Apesar de existir diferença ao nível académico entre as participantes (sobretudo nas ciganas face às não-ciganas) o outro grande motivo de desistência dos programas educativos prende com a necessidade de ganhar dinheiro, por não terem ajuda de familiares em liberdade, tratamentos médicos e aquisição de alguns produtos alimentares (Brosens, et al, 2015b).

### **Perceção de mudanças pós reclusão**

O objetivo dos programas educativos e profissionais pretende, para além de uma resposta imediata, obter resultados a longo prazo na reinserção. Nesse sentido, muitas investigações relatam que a participação cria um sentimento de transformação nas perceções e nas atitudes, permitindo ao recluso tirar uma experiência positiva do tempo de reclusão (Behan, 2014; Panitsides & Moussiou, 2019; Hunter & Boyce, 2009; Pastore, 2008; Brosens, et al, 2015a; Vazquez-Cano, Holgueras-González, & Fombona-Cadavieco, 2019; Baranger, et al, 2018; Bronses, 2018; Evans, Pelletier, & Szkola, 2017). As entrevistas, demonstraram que as participantes reconhecem que existe uma mudança na maneira como

## EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

percecionam a vida, admitindo uma nova capacidade de reconhecer os seus erros e uma vontade viver diferente, investido de uma forma formal e informal, nas competências adquiridas em reclusão.

Para além desta mudança, também relatam a aquisição de novos hábitos e de responsabilidades, resultantes da participação nos programas. Nomeadamente, o cumprimento de horários e a responsabilidade da realização de um bom trabalho, bem como a capacidade de supervisão e gestão do trabalho dos outros (Vazquez-Cano, Holgueras-González, & Fombona-Cadavieco, 2019).

### **Eficácia dos programas face ao emprego**

Este tema, procurou analisar a relação entre os programas em que as ex-reclusas estiveram envolvidas e a situação laboral em liberdade, pois de acordo com o Código Penal os programas procuram capacitar os reclusos com competências que possam usar em liberdade, de forma a facilitar a reinserção na sociedade. A reinserção na sociedade é vista com sucesso quando ex-reclusas conseguem um emprego, sendo que existe uma correlação positiva entre a participação em programas prisionais e a obtenção de um emprego à saída (Alvarez & Loureiro, 2012; Drake, 2013; Rhodes, 2008).

Através da análise das entrevistas, é possível verificar que as ex-reclusas, enquanto em reclusão, criaram expetativas referentes ao programa em que se encontravam como impulsionador de uma nova vida em liberdade. No entanto, apesar da experiência laboral que obtiveram em reclusão não conseguiram trabalho na mesma área (William, 2019; Hunter & Boyce, 2009; Vazquez-Cano, Holgueras-González, & Fombona-Cadavieco, 2019; Croux, et al 2018; Panitsides & Moussiou, 2019; Roth & Manger, 2014; Duwe & Clark, 2014). Esta dificuldade em arranjar trabalho, toma diversas formas na vida das participantes, estando evidente o rótulo criminal, a discriminação racial e etária.

### **Conclusão**

A presente investigação procurou estudar as perceções de mulheres ex-reclusas sobre os programas educacionais e profissionais frequentados durante a reclusão.

Deste modo, de acordo com os resultados obtidos, foi possível constatar que, os programas têm um efeito positivo na vida das participantes enquanto estas se encontravam em reclusão, algo que foi bastante mencionado. É possível perceber que permite criar um ambiente de desenvolvimento pessoal e de resiliência, promovendo o bem-estar psicológico e a aquisição de novos comportamentos, como as regras e as rotinas (Behan, 2014; Pastore, 2018; Brosens, 2018; Baranger, et al, 2018; Vazquez-Cano, Holgueras-González, & Fombona-Cadavieco, 2019).

## EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Para além dos efeitos em reclusão que são relatados, também é possível observar resultados positivos em liberdade nas vidas pessoais e profissionais, das participantes. Nomeadamente, na vontade de querer trabalhar, de melhorar as competências adquiridas, como por exemplo a ingressão de um curso financiado pelo fundo de desemprego que vai ao encontro do que foi realizado em reclusão, e a maneira como vivem o dia-a-dia, aplicando as aprendizagens mencionadas anteriormente.

Verificou-se, através das entrevistas, que enquanto se encontravam em reclusão e a frequentar um programa profissional, existia uma grande expectativa de que a participação lhes seria reconhecida como experiência laboral. Apesar de os programas cumprirem os objetivos para os quais foram criados, capacitando as reclusas com competências que possam usar em liberdade, a realização dos mesmos é ignorada por parte das entidades patronais aquando da integração no mundo de trabalho, fazendo com que a população ex-reclusa ainda encontre bastantes dificuldade (Hunter & Boyce, 2009; Baranger, et al, 2018). Assim, propõe-se o desenvolvimento de um novo programa ainda em reclusão, que tem como objetivo ajudar o recluso na procura de um emprego, ensinando-lhe a criar um currículo, as estratégias de procura e promover as competências de comunicação necessárias.

Diferenças encontradas entre as motivações à educação e a desistência da mesma, prende-se com as necessidades educativas específicas de cada recluso e com as práticas educativas realizadas. Desta forma, identifica-se a necessidade de se reformular o programa educacional, mais especificamente aumentando o nível de exigência dos professores para com os alunos e alunas e criar programas mais específicos e direcionados para as necessidades apresentadas pela comunidade reclusa.

Por último, é importante serem referidas algumas limitações deste estudo. Assim, aponta-se o número de participantes como uma limitação, pois como já mencionado na metodologia, é reduzido devido à situação pandémica em que se encontra o país. Tendo em conta as características das participantes, não foi possível realizar as entrevistas noutros formatos, podendo ter ficado muita informação por recolher uma vez que não se pode considerar como tendo alcançado a saturação teórica.

Também pode ser apontado como limitação, a existência de diversidade de cultural. Ao projeto inicial, sentiu-se a necessidade de acrescentar participantes de etnia cigana, de forma a aumentar o número de participantes, pois a população ex-reclusa feminina encontra-se em muito menor número que a população masculina. Assim, encontramos participantes pertencentes a contextos culturais muito diferentes, que pode ter influência nas perspetivas obtidas. A este propósito refira-se a presença de reclusas analfabetas entre a população cigana e maior discriminação no acesso ao trabalho.

## EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Concluindo, sendo este estudo considerado exploratório, é sugerido que futuramente se possa dar continuidade às questões exploradas, nomeadamente, a análise da eficácia dos programas realizados dentro da prisão de uma forma mais extensiva e quantitativa. Esta análise é fundamental para compreender até que ponto estes programas de intervenção prisional vão ao encontro das necessidades específicas de reinserção e, para que seja estabelecida, uma ponte efetiva entre o meio prisional e a sociedade.

### Referências

- Alvarez, R. D., & Loureiro, M. L. (2012). Stigma, ex-convicts and labour markets. *German Economic Review*, 13(4), 470–486. doi: 10.1111/j.1468-0475.2012.00580.x
- Andrews, D. A., & Bonta, J. (2010). An overview of the psychology of criminal conduct. In *The Psychology of Criminal Conduct* (Fith, pp. 3–44). New Providence, NJ: Matthew Bender & Company, Inc..
- Alós, R., Esteban, F., Jódar, P., & Miguélez, F. (2014). Effects of prison work programmes on the employability of ex-prisoners. *European Journal of Criminology*, 12(1), 35–50. doi: 10.1177/1477370814538776
- Baranger, J., Rousseau, D., Mastorilli, M. E., & Matesanz, J. (2018). Doing time wisely: the social and personal benefits of higher education in prison. *The Prison Journal*, 98(4), 490–513. doi: 10.1177/0032885518776380
- Batiuk, M. E., Moke, P., & Rountree, P. W. (1997). Crime and rehabilitation: correctional education as an agent of change – A research note. *Justice Quarterly*, 14(1), 167–180. doi: 10.1080/07418829700093261
- Behan, C. (2014). Learning to escape: prison education, rehabilitation and the potential for transformation. *Journal of Prison Education and Reentry*, 1(1), 20. doi: 10.15845/jper.v1i1.594
- Bonta, J., Pang, B., & Wallace-Capretta, S. (1995). Predictors of recidivism among incarcerated female offenders. *The Prison Journal*, 75(3), 277–294. doi: 10.1177/0032855595075003002
- Bonta, J., & Wormith, S. (2007). Risk and need assessment. In *Developments in social work with offenders* (pp. 131–153). Jessica Kingsley Publishers
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. doi: 10.1191/1478088706qp063oa
- Brosens, D., Donder, L. D., Dury, S., & Verté, D. (2015a). Participation in prison activities: an analysis of the determinants of participation. *European Journal on Criminal Policy and Research*, 22(4), 669–687. doi: 10.1007/s10610-015-9294-6

## EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

- Brosens, D., Donder, L. D., Dury, S., & Verté, D. (2015b). Barriers to participation in vocational orientation programmes among prisoners. *Journal of Prison Education and Reentry*, 2(2). doi: 10.15845/jper.v2i2.817
- Brosens, D. (2018). Prisoners' participation and involvement in prison life: Examining the possibilities and boundaries. *European Journal of Criminology*, 16(4), 466–485. doi: 10.1177/1477370818773616
- Chamberlain, A. W. (2012). Offender rehabilitation: examining changes in inmate treatment characteristics, program participation, and institutional behavior. *Justice Quarterly*, 29(2), 183–228. doi: 10.1080/07418825.2010.549833
- Creswell, J. W., & Poth, C. N. (2018). *Qualitative inquiry & research design: Choosing among five approaches*. Los Angeles, CA: SAGE Publication Inc.
- Croux, F., Brosens, D., Vandeveld, S., & Donder, L. D. (2018). Foreign national prisoners in Flanders (Belgium): motivations and barriers to participation in prison programmes. *European Journal on Criminal Policy and Research*, 25(2), 171–188. doi: 10.1007/s10610-018-9372-7
- Drake, E. K. (2003). Class I impacts: work during incarceration and its effects on post-prison employment patterns and recidivism. *Washington State Department of Corrections Planning and Research Section PO*. Retrieved from <http://search.proquest.com/docview/9728982?accountid=13042>\n
- Duwe, G., & Clark, V. (2014). The effects of prison-based educational programming on recidivism and employment. *The Prison Journal*, 94(4), 454–478. doi: 10.1177/0032885514548009
- Evans, D. N., Pelletier, E., & Szkola, J. (2017). Education in prison and the self-stigma: empowerment continuum. *Crime & Delinquency*, 64(2), 255–280. doi: 10.1177/0011128717714973
- Fine, M., Torre, M. E., Boudin, K., Bowen, I., Clark, J., Hylton, D., ... Upegui, D. (2001). Changing minds: the impact of college in maximum-security prison: effects on women in prison, the prison environment, reincarceration rates and post-release outcomes. Retrieved from [https://www.researchgate.net/publication/234681961\\_Changing\\_Minds\\_The\\_Impact\\_of\\_College\\_in\\_a\\_Maximum-Security\\_Prison\\_Effects\\_on\\_Women\\_in\\_Prison\\_the\\_Prison\\_Environment\\_Reincarceration\\_Rates\\_and\\_Post-Release\\_Outcomes](https://www.researchgate.net/publication/234681961_Changing_Minds_The_Impact_of_College_in_a_Maximum-Security_Prison_Effects_on_Women_in_Prison_the_Prison_Environment_Reincarceration_Rates_and_Post-Release_Outcomes)

## EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

- Gerber, J., & Fritsch, E. J. (1995). Adult academic and vocational correctional education programs: a review of recent research. *Journal of Offender Rehabilitation*, 22(1-2), 119–142. doi: 10.1300/j076v22n01\_08
- Hall, L. (2015). Correctional education and recidivism: toward a tool for reduction. *Journal of Correctional Education*, 66(2), 4–29. Retrieved from [www.jstor.org/stable/26507655](http://www.jstor.org/stable/26507655)
- Hunter, G., & Boyce, I. (2009). Preparing for employment: prisoners' experience of participating in a prison training programme. *The Howard Journal of Criminal Justice*, 48(2), 117–131. doi: 10.1111/j.1468-2311.2008.00551.x
- Hedderman, C. (2004). The 'criminogenic' needs of women offenders. In *Women Who Offend* (pp. 82–99). London: Jessica Kingsley
- Jensen, E. L., & Reed, G. E. (2006). Adult correctional education programs. *Journal of Offender Rehabilitation*, 44(1), 81–98. doi: 10.1300/j076v44n01\_05
- Júnior, Á. B., & Júnior, N. F. (2011). A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. *Evidência*, 7(7), 237–250
- Lockwood, S., Nally, J. M., Ho, T., & Knutson, K. (2012). The effect of correctional education on postrelease employment and recidivism. *Crime & Delinquency*, 58(3), 380–396. doi: 10.1177/0011128712441695
- MacKenzie, D. L. (2017). From theory to policy evidence-based corrections. In *Correctional Theory* (pp. 21–53). SAGE Publications, Inc
- Manger, T., Eikeland, O. J., Diseth, Å., Hetland, H., & Asbjørnsen, A. (2010). Prison inmates educational motives: are they pushed or pulled? *Scandinavian Journal of Educational Research*, 54(6), 535–547. doi: 10.1080/00313831.2010.522844
- May, D. C., & Brown, T. (2011). Examining the effect of correctional programming on perceptions of likelihood of recidivism among incarcerated prisoners. *Journal of Social Service Research*, 37(4), 353–364. doi: 10.1080/01488376.2011.582021

## EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

- Mckendy, L., & Ricciardelli, R. (2019). Women offenders under community supervision: comparing the profiles of returners and non-returners to federal prison. *Frontiers in Psychiatry, 10*. doi: 10.3389/fpsy.2019.00875
- Moreira, J.-A., Reis-Monteiro, A., & Machado, A. (2017). Higher education distance learning and e-learning in prisons in Portugal. *Comunicar, 25*(51), 39–49. doi: 10.3916/c51-2017-04
- William, M. L. (2019). La educación universitaria en prisión: logros, dificultades y necesidades. *Revista Educación, 43*(2). doi: 10.15517/revedu.v43i2.31967
- Panitsides, E. A., & Moussiou, E. (2019). What does it take to motivate inmates to participate in prison education? An exploratory study in a Greek prison. *Journal of Adult and Continuing Education, 25*(2), 157–177. doi: 10.1177/1477971419840667
- Pastore, G. (2018). Inclusion and social exclusion issues in university education in prison: considerations based on the Italian and Spanish experiences. *International Journal of Inclusive Education, 22*(12), 1272–1287. doi: 10.1080/13603116.2018.1426050
- Rhodes, J. (2008). Ex-offenders, social ties and the routes into employment. *Internet Journal of Criminology* @. Retrieved from [https://www.researchgate.net/publication/238784340\\_Ex-offenders\\_social\\_ties\\_and\\_the\\_routes\\_into\\_employment](https://www.researchgate.net/publication/238784340_Ex-offenders_social_ties_and_the_routes_into_employment)
- Roth, B. B., & Manger, T. (2014). The relationship between prisoners educational motives and previous incarceration, sentence length, and sentence served. *London Review of Education, 12*(2), 209–220. doi: 10.18546/lre.12.2.06
- Spark, C., & Harris, A. (2005). Vocation, vocation. *Journal of Sociology, 41*(2), 143–161. doi: 10.1177/1440783305053232
- Vazquez-Cano, E., Holgueras-González, I., & Fombona-Cadavieco, J. (2019). Studying for a university degree in penitentiary centers in Spain: challenges and difficulties from the internee's perspective. *The Prison Journal, 99*(5), 593–613. doi: 10.1177/0032885519875074
- Zhao, Y., Messner, S. F., Liu, J., & Jin, C. (2019). Prisons as schools: inmates' participation in vocational and academic programs in Chinese prisons. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology, 63*(15-16), 2713–2740. doi: 10.1177/0306624x19861051

**Anexos**

**Anexo A: Parecer da Comissão de Ética**



Universidade do Minho

Conselho de Ética

**Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas**

Identificação do documento: CEICSH 006/2020

Relatores: Emanuel Pedro Viana Barbas Albuquerque e Marlene Alexandra Veloso Matos

Título do projeto: *Educação e formação profissional: perspectiva de ex-reclusas*

Equipa de Investigação: Ana Santos Silva, Mestrado Integrado em Psicologia, Escola de Psicologia, Universidade do Minho; Professora Doutora Luísa Saavedra (Orientadora), Escola de Psicologia, Universidade do Minho

**PARECER**

A Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) analisou o processo relativo ao projeto de investigação acima identificado, intitulado *Educação e formação profissional: perspectiva de ex-reclusas*.

Os documentos apresentados revelam que o projeto obedece aos requisitos exigidos para as boas práticas na investigação com humanos, em conformidade com as normas nacionais e internacionais que regulam a investigação em Ciências Sociais e Humanas.

Face ao exposto, a Comissão de Ética para a Investigação em Ciências Sociais e Humanas (CEICSH) nada tem a opor à realização do projeto, emitindo o seu parecer favorável, que foi aprovado por unanimidade pelos seus membros.

Braga, 26 de maio de 2020.

O Presidente da CEICSH

(Acílio Estanqueiro Rocha)